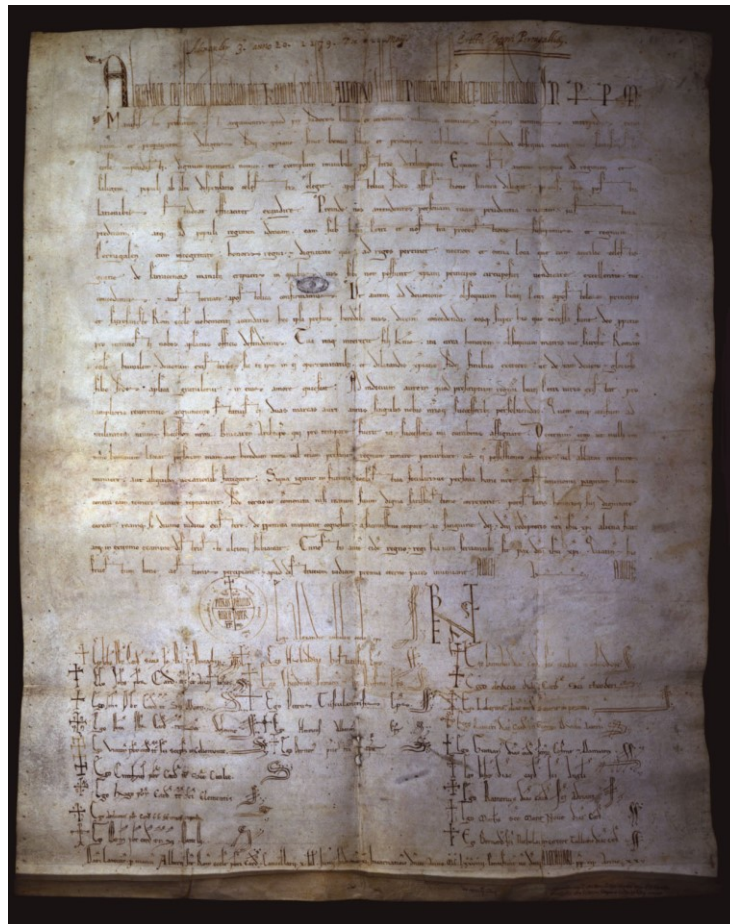


### III

## A cultura manuscrita em Portugal: 'Português Arcaico'

---

### Epígrafe



#### Manifestis Probatum

Bula papal, Alexandre III, 1179

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, [PT-TT-BUL/16/20](https://arquivo.pt/pt/TT-BUL/16/20)

“Sabemos por evidentes sucessos que como bom filho e príncipe católico tendes feito vários serviços à sacrossanta Igreja, vossa mãe, destruindo valorosamente os inimigos do nome cristão, dilatando a fé católica por muitos trabalhos de guerra e empresas militares [...] Por isso nós concedemos à tua excelência e autoridade, e confirmamos por autoridade o Reino de Portugal com a integridade das honras e a dignidade de Reino que aos reis pertence, e também todas as terras que, com auxílio da graça celeste, arrebatades das mãos dos Sarracenos [...]”.

Tradução de Frei António Brandão, em *Crónica de D. Afonso Henriques*

Fonte: <http://dgarq.gov.pt/files/2011/08/Bula-Manifestis-Probatum.pdf>

## Pontos do programa tratados neste tópico:

### II. Os Documentos e a cultura de sua época:

- II.1 Da cultura escrita latina até os primeiros documentos em português
- II.2. O português escrito na época medieval.

---

## Bibliografia

- CASTRO, Ivo. Introdução à História do Português. Lisboa: Edições Colibri, 2004. 2a ed, 2006.
- CASTRO, Ivo. Curso de história da língua portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1997. [Capítulo 1: Do latim aos primeiros textos do galego-português.]
- CASTRO, Ivo. A primitiva produção escrita em português. Orígenes de las lenguas romances en el Reino de León. Siglos IX-XII, León, Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 2004, vol. II, p. 69-97.9
- CINTRA, Luís Felipe Lindley. Sobre o mais antigo texto português. Boletim Nacional de Filologia. Lisboa, 1990.
- COSTA, Avelino de Jesus - Os mais antigos documentos escritos em português: revisão de um problema histórico-linguístico. In Estudos de cronologia, diplomática, paleografia e histórico-linguísticos. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, [s.d.].
- CRUZ, Antonio. Observações sobre o estudo da paleografia em Portugal. Cale : Revista da Faculdade de Letras do Porto, p. 173-233, 1966. Repositório Aberto da Universidade do Porto, <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9400>.
- EMILIANO, Antonio. Os estudos dos documentos notariais latino-portugueses e a história da língua portuguesa. Signo. Revista de Historia de la Cultura Escrita (Universidade de Alcalá de Henares), 11: 75-22.
- GOMES, Saul António. A chancelaria régia de D. Dinis: breves observações diplomáticas. In Fragmenta Historica: História, Paleografia e Diplomática, Centro de Estudos Históricos/FCT, 2013.
- LAGARES DIEZ, Xoán Carlos. Uma aproximação à "língua" das cantigas galego-portuguesas. Revista galega de filoxía, 2006, 7: 95-116. ISSN: 1576-2661. Repositorio Universidade da Coruña.
- MARTINS, Ana Maria. "O primeiro século do português escrito". A. B. Agrelo (ed): Na Nosa Lyngoage Galega. A Emerxencia do Galego como Lingua Escrita na Idade Media. Santiago de Compostela: CCG & ILG. 161-184. 2007.
- MEGALE, Heitor. A Demanda do Santo Graal - Das origens ao códice português. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- OSÓRIO, Jorge A. D. Dinis: o rei, a língua, e o reino. Mátthesis. 1993(2):17-36.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. Algumas observações sobre a noção de língua portuguesa. Boletim de Filologia, Lisboa, 29,1984, pp.585-592.
- 

## Sumário

1. A documentação primitiva e o território inicial da língua portuguesa.....	3
1.1. Dos ‘Romances’ às ‘Línguas Românicas’ (cf. tema II) .....	3
1.2 “Formação de um espaço nacional para a língua portuguesa” (Castro 2006:68-81).....	3
2. Análise de documentos: Documentos notariais e de chancelaria.....	4
2.1 Documentação anterior ao século XIII.....	4
2.2 Documentação primitiva do português (1214-1250).....	5
2.3 Documentação posterior a 1250.....	9
3. A produção primitiva portuguesa: contexto e relevância .....	10
4. A “Notícia de Torto”: Análise de grafias interessantes.....	11
5. Pontos essenciais de fonética histórica .....	15
5.1 Principais mudanças fonéticas – do latim ao português (consoantes) .....	15
5.2 Resumo "Cronológico" das mudanças selecionadas .....	18

## 1. A documentação primitiva e o território inicial da língua portuguesa

### 1.1. Dos ‘Romances’ às ‘Línguas Românicas’ (cf. tema II)

Castro 2006:54

"Falar latim era **latine** ou **romane loqui** no latim clássico, mas no fim do Império apareceram as expressões **romanice parabolare** e **romanice fabulare**, 'falar à moda de Roma, nem exactamente em latim nem em língua de bárbaros'. Isso corresponde à situação de transição que se viveu na Europa Ocidental no período que medeia entre o Império e os estados medievais. Quando estes se constituíram e adquiriram nomes próprios, a designação geral de România foi perdendo parte da sua razão de ser". (cf. aula 3)

### 1.2 “Formação de um espaço nacional para a língua portuguesa” (Castro 2006:68-81)

- Os romances ibéricos: a fronteira norte/sul e a fronteira ocidente/oriente
- O ocidente setentrional: a área do galego-português
- O oriente meridional: o romance moçárabe
- A importância da reconquista

#### - Fronteira esquemática mais importante do domínio dialetal português:

- supressão do /l/ e /n/ latinos intervocálicos
- manutenção das vogais breves latinas sem ditongação

exs.

- manu > mão, malu > mau

- terra, cova, pedra ( vs. tierra, cueva, piedra) (cf. *Ficha: Ciclos do Português*)

A formação do território ‘Português’ e as etapas da reconquista portuguesa



*Tomada de Lisboa, 1147*

*Tomada de Évora, 1168*

*Tomada de Faro, 1249*

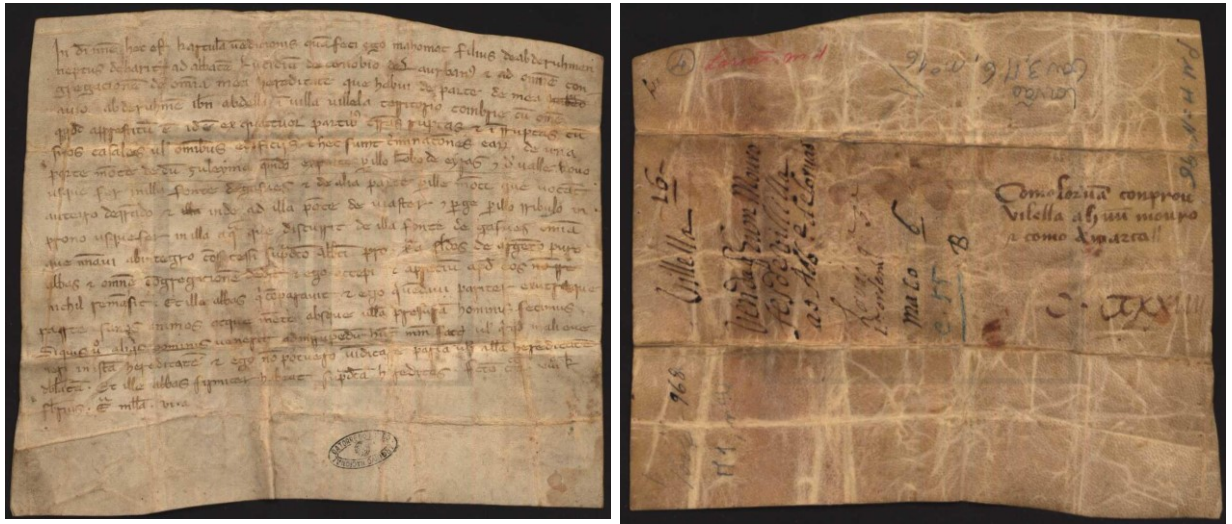
MAPA: Área primitiva do Galego-português.

Fonte: Teyssier (1980), Mapa 2, p. 9.

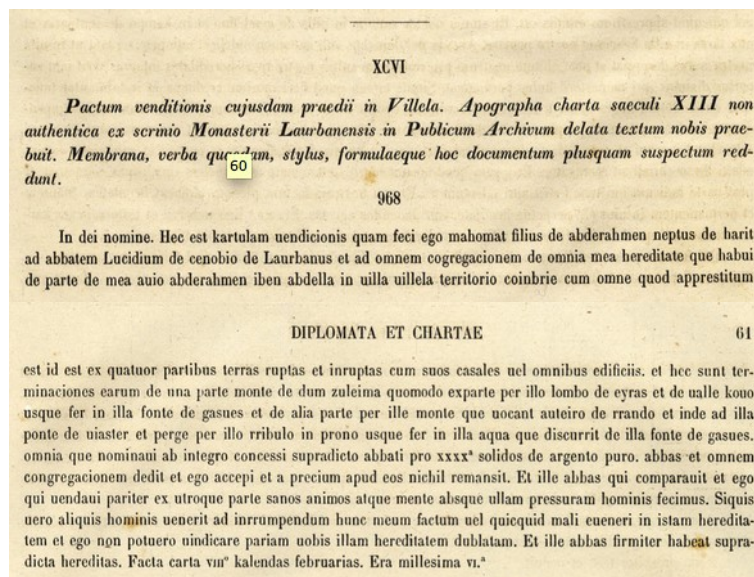
## 2. Análise de documentos: Documentos notariais e de chancelaria.

### 2.1 Documentação anterior ao século XIII

FAC-SIMILE: *Venda que um mouro fez de Vilela ao abade de Lorvão*, Cópia do séc. XIII ou XIV de um documento do ano 968. Ordem de Cister, Mosteiro de Lorvão, Antiga Colecção Especial, mç. 1, n.º 4. Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4381041>>



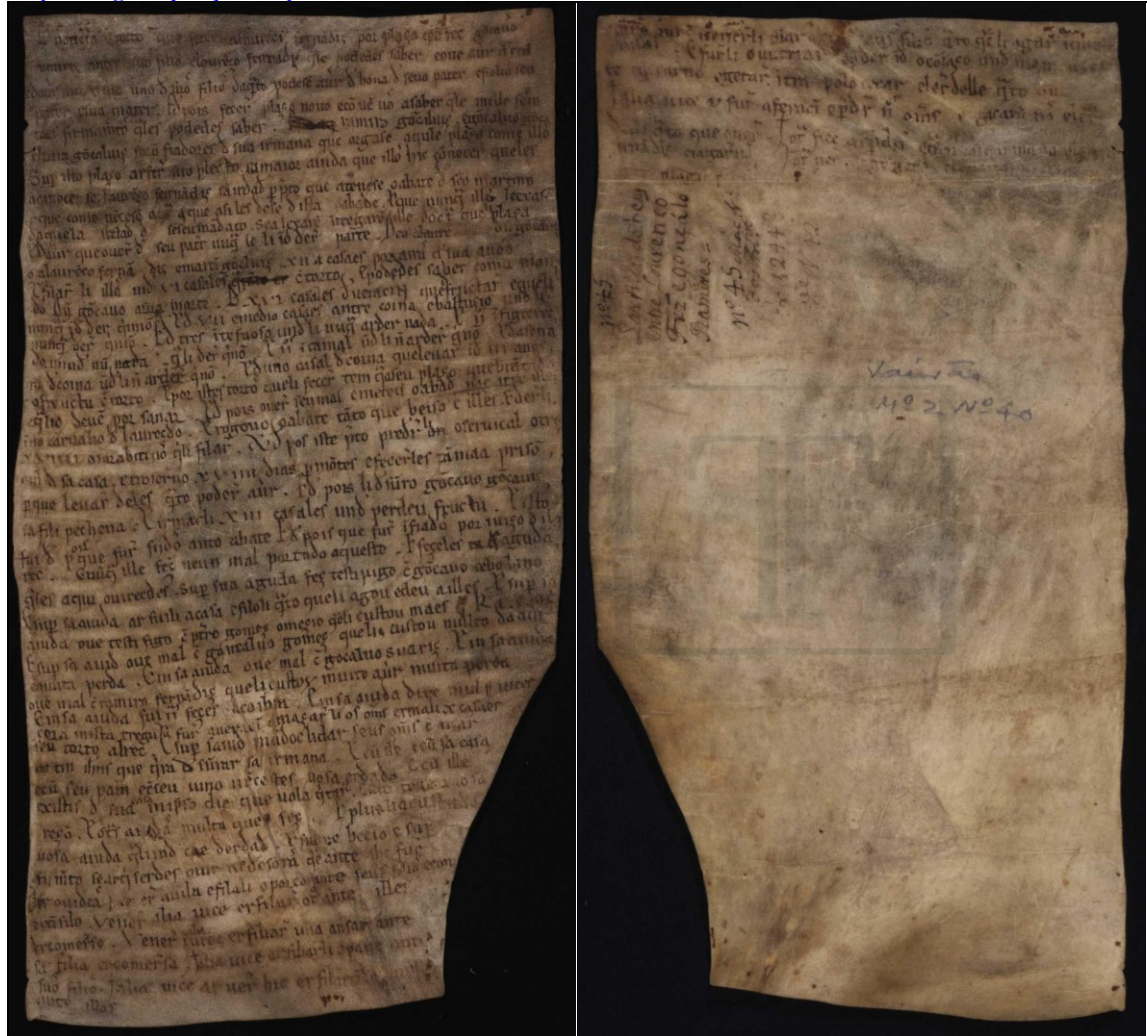
FAC-SIMILE: Transcrição. In: *Portugaliae monumenta historica: a saeculo octavo post Christum vsque ad quintumdecimum...* / ivssv Academiae Scientiarum Olisiponensis edita. Olisipone: Typis Academicis, 1856-1961. *Diplomata et chartae*: V. 1, fasc. 1. (1868) p. 60-61. Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa, <<http://purl.pt/12270>>



## 2.2 Documentação primitiva do português (1214-1250)

### 2.2.1 *Notícia de torto*

FAC-SIMILE: *Notícia de Torto*. [c. 1214-1216?]. Fonte: Portugal, Torre do Tombo, Ordem de São Bento, Mosteiro do Salvador de Vairão, mc. 2, doc. 40. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1461698>



*Transição e análise:*

cf. *Notícia de Torto*: Edição; (Anexo 1, Moodle)

cf. *Notícia de Torto*: Comentário linguístico (Anexo 2, Moodle)

**“Essa titubeante invenção do escrever português”:**

Ivo Castro, (2004:22 e ss):

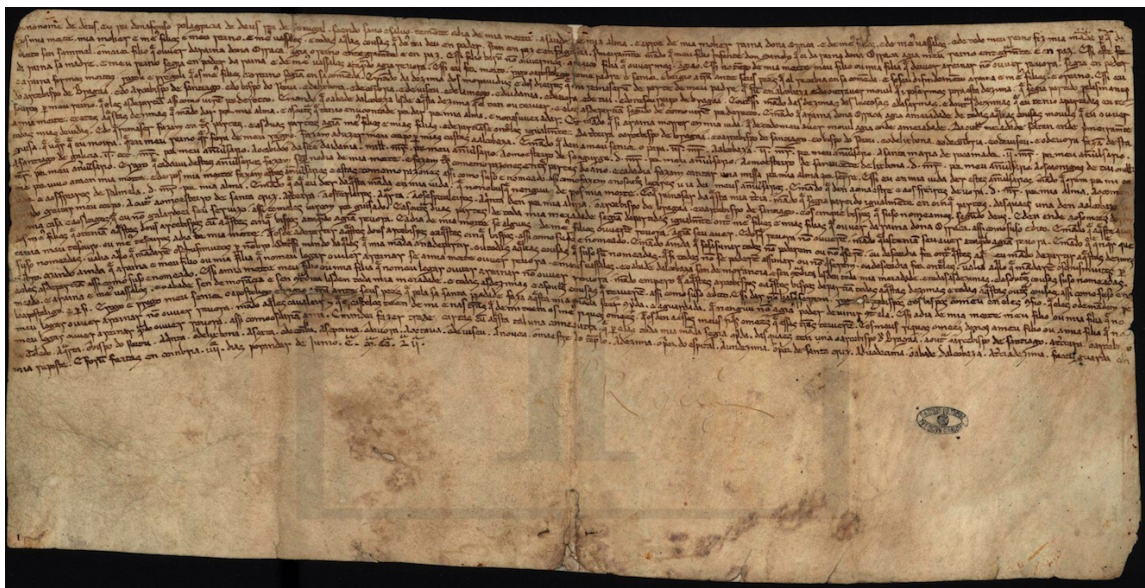
"... embora na chancelaria real portuguesa ainda continuasse durante mais meio século a ser observado o costume de escrever em latim os documentos formais, destinados a assumir carácter oficial e a perdurar no tempo (costume quebrado no caso do testamento de 1214, por razões que os historiadores um dia encontrarão), já era uso, no início do séc. XIII, escrever em português certos textos de carácter efémero, tais como apontamentos, mensagens pessoais, rascunhos, minutas, que pela sua natureza muito poucas possibilidades tinham de sobreviver, ou de carácter informal, como a notícia, que mesmo quando sobrevive é difícil de situar cronologicamente. Em tais exercícios se adestraram os escribas da casa real para escrever em português. Aqui abre-se uma perspectiva aliciante, que não tenho possibilidade de explorar neste trabalho: a caracterização da "ortografia individual" de cada escriba talvez permita vislumbrar a proveniência do seu aprendizado e determinar se aprenderam a escrever romance em ambientes de influência castelhana ou leonesa. (...)

Um desses textos informais ou efémeros, contudo, chegou até nós. A Notícia de Torto tem sido considerada pela maioria dos autores uma minuta portuguesa de documento que, em forma limpa e final (mundum), seria escrita em latim. Por acidente histórico não explicado, foi a minuta que sobreviveu e não o produto final, se esse chegou a existir".(...)

"... o escriba era mais um leitor que um profissional da escrita e não tinha, para todos os problemas, soluções gráficas adquiridas e enraizadas, ao contrário dos seus contemporâneos da chancelaria real. Deixava-se guiar pela análise que caso a caso ia fazendo do que ouvia, do que lhe era ditado. Daí grande parte do seu interesse para o linguista, porque a espontaneidade e a hesitação da sua mão deixam entrever factos da língua oral que um escriba habitual e formal teria filtrado e que se tornam, assim, naqueles momentos raros em que vemos ,falar' um documento antigo. O seu recurso às grafias de /d[/, por exemplo, constitui um precioso testemunho de que este fonema ainda existia no português de inícios do séc. XIII"

"Esta caracterização não deveria surpreender: o escriba da Notícia de Torto não trabalhava para o rei de Portugal, nem para um comendador da ordem do Templo, mas para um fidalgo arruinado do Minho, Lourenço Fernandes da Cunha, que não possuía chancelaria, nem escriba decente ou profissional, mas apenas aquilo a que hoje chamamos uma ,mão inábil. Essa titubeante invenção do escrever português, essa escrita não totalmente formada e adquirida, é fascinante em si mesma e, por contraste, põe em destaque quanto a prática dos copistas da corte era adquirida, longa e hábil".

### 2.2.2 Testamento de D. Afonso



Testamento de D. Afonso. Reprodução do Manuscrito, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, <http://digitarg.arquivos.pt/details?id=1437285>.

Edição: cf. Castro, 1991 & Castro, 2004; Costa, [s.d.]

#### Castro, 2004:

“A produção frequente de documentos em português é conhecida a partir da segunda metade do séc. XIII: em 1255 começam a ser escritos em português alguns dos documentos saídos da chancelaria de Afonso III 15, embora uma parte se mantenha em latim, e é só em 1279, com D. Dinis, que se torna sistemático o uso do português como língua dos documentos emanados da corte, uso que progressivamente é imitado pelos restantes centros produtores.

Vale a pena observar mais de perto o que se passou na chancelaria de Afonso III, com dados fornecidos por Luiz Fagundes Duarte. Os documentos registados em português são 34 (mais quatro acrescentados tardiamente), mas nem todos são documentos emanados da própria corte. Estes são apenas 26 e foram escritos com o seguinte calendário:

1255	2 docs.
1260	1
1266	1
1269-1279	22

Ou seja: na verdade é apenas nos dez últimos anos do reinado de Afonso III, e precedendo a sua oficialização no reinado seguinte, que se alarga e consolida o uso escrito da língua portuguesa nos documentos do governo, após experiências que têm de ser consideradas como esporádicas. Como, afinal, todas as outras experiências anteriores de que temos tido conhecimento.

A outra questão palpitante tem a ver com o estranho, para os nossos dias, conceito de isomorfia que reinava na chancelaria de Afonso II. Entre duas cópias autenticadas e conformes de um documento, destinadas a produzir idênticos efeitos legais, e anunciadas como iguais uma à outra (note-se: apenas em 1214, pois nos testamentos seguintes tal afirmação desaparece), as diferenças que existem são consideráveis: além de diferenças de suporte, são bastantes as variantes gráficas e linguísticas. Darei, como exemplo, a secção final do testamento, com as variantes assinaladas a negro”:

#### Resumo das variantes (Castro, 2004):

*Ms. Lisboa*

[23-25] E **ssi a dia de** mia morte meu filio ou mia filia que no | meu **logar** ouuer a reinar **nō** ouuer reuora, mado **aqueles** caualeiros que os castelos téén de mi en'as terras que de mi **téém** os meus **riquos** oméés que os den a esses meus **riquos** oméés que essas terras **teiuere**. E os meus **riquos** oméés den'os a meu filio ou a mia filia que no | meu **logar** ouuer a reinar quando ouuer reuora, assi como os **dariã** a mi.

[25-27] E **mandei** fazer treze cartas cū aquesta tal una **come** outra, que per elas toda mia mada **segia comprida**, das quaes ten una o arcebispo de Braga, a outra o arcebispo de Santiago, a terceira o arcebispo | de Toledo, a quarta o bispo do **Portu**, a quinta o de **Lixbona**, a sexta o de **Coïbria**, a septima o d'Euora, a octaua o de Uiseu, a **nouea** o maestre do Têplo, a **dezima** o prior do Espital, a **undezima** o prior de Santa Cruz, a duodecima o abade d'**Alcobaza**, a **tercia dezima facer guarda[r]** en | mia reposte.

*Ms. Toledo*

[32-35] E **se dia da** mia morte | meu filio ou mia filia que no meu **logo** ouuer a reinar **nū** ouuer reuora mado **áaqueles** caualeiros que os castelos téén de mi en'as terras que de mi **téén** os meus **ricos** oméés que os | den a esses meus **ricos** oméés que essas terras **teiueren**. E os meus **ricos** oméés den'os a meu filio ou a mia filia que no meu **logo** ouuer a reinar quando ouuer reuora assi como os **da|rian** a mi.

[35-37] E **mādei** fazer treze cartas cū aquesta tal una **como a** outra que per elas toda mia mada **seia comprida**, das quaes ten una o arcebispo de Bragáá, a outra o arcebispo de Santiago, a terceira | o arcebispo de Toledo, a quarta o bispo do **Porto**, a quinta o de **Lisbona**, a sexta o de **Coïbra**, a septima o d' Euora, a octaua o de Uiseu, a **nona** o maestre do Têplo, a **decima** o prior do Espital, a **ũdecima** o prior de Santa †, a duodecima o abade d'**Alcobacia**, a **tercia decima faco eu aguardar** en mia reposte.

*Variantes gráficas entre os copistas (vocalismo)*

	<i>Ms. Lisboa</i>		<i>Ms. Toledo</i>	
	forma	ocorr.	forma	ocorr.
Vogais átonas finais	Portu	3	Porto	3
	suso	10	susu	9
	o (art. def.)	25	o (art. def.)	1
			o (art. def.)	3
	os	8	us	15
			os	8
o (pron.)	10	u (pron.)	7	
		o (pron.)	5	
Vogais nasais finais	nō	12	nū	6
			nō	3
Ditongos crescentes	Coïbria	4	Coinbra	3
	departiã	5	departan	5
	recebia	1	receba	1
	beigio	2	beio	1
beyio			1	
Ditongos decrescentes	ao (prep.+art. def.)	6	ou	6
	aos	7	ous	7

*Variantes gráficas entre os copistas (sibilantes)*

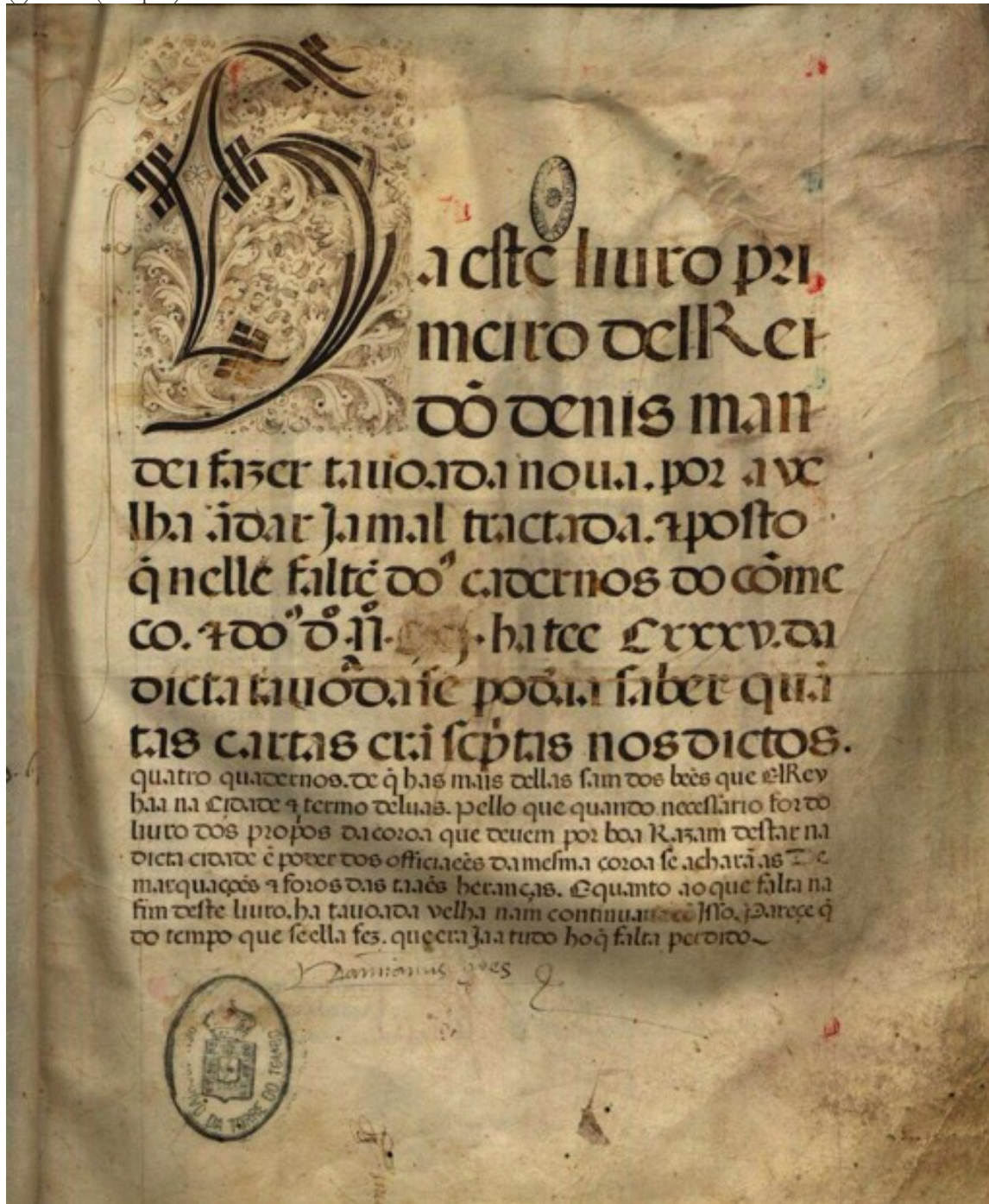
<i>Ms. Lisboa</i>		<i>Ms. Toledo</i>	
forma	ocorr.	forma	ocorr.
demorancia	2	demorancia	2
folgãcia	1	folgãcia	1
tercia	2	tercia	2
gracia	1	gracia	1
Alcobaza	6	Alcobacia	6
comemorazones	2	comemoraciones	2
seruizo	1	seruicio	1
undezima	1	ũdecima	1
faza	1	faca	1
fazam	7	facan	7



## 2.3 Documentação posterior a 1250

### 2.3.1 Documentação de chancelaria (séc. XIII/XIV): Livros da chancelaria de D. Diniz, 1279-1325

Arquivo Nacional da Torre do Tombo,  
<http://digitalq.dgarq.gov.pt/viewer?id=3813641> (Livro 1)  
 (a) Fl. ix (incepto)



### 3. A produção primitiva portuguesa: contexto e relevância

“Aquilo que chama imediatamente a nossa atenção quando empreendemos a análise linguística da Notícia de Torto - que, como ficou atrás dito, agora sabemos seguramente ter sido redigida entre 1214 e 1216 nos arredores de Braga - é o carácter arcaico e hesitante da sua maneira de representar os sons do galego-português antigo” (Cintra, 1990).

> Aspectos fonéticos do português com maiores desafios de representação gráfica nos textos mais antigos:

- Consoantes Palatais
- Africadas ou fricativas dentais provenientes da palatalização de outras consoantes
- Representação das vogais e ditongos nasais

**cf. Anexos:**

Anexo 1: “Notícia de Torto” - edição

Anexo 2: “Notícia de Torto” – comentário linguístico

Anexo 3: Apontamentos de fonética histórica

## 4. A “Notícia de Torto”: Análise de grafias interessantes

### 4.1 Quanto à lateral posterior [ʎ] e à nasal posterior [ɲ]

Lateral posterior

Grafias: <li> ~ <l> → <lh>

<b>filiaru</b>	‘filharam’	[45]
<b>filaru</b>	‘filharam’	[13]
<b>li</b>	‘lhe’	[3, ...]
<b>carvalio</b>	‘carvalho’	[21, ...]

Nasal posterior

Grafias: <ni> ~ <n> → <nh>

<b>quiniõ</b>	‘quinhão’	[16]
<b>quinõ</b>	‘quinhão’	[17]
<b>quinnõs</b>	‘quinhões’	[15]
<b>Coina</b>	‘Cunha’	[18]

### 2. Quanto às constrictivas posteriores [ʃ] ([ʃ]?) ; [ʒ] ([dʒ]?)

Constrictiva posterior surda (?) - [ʃ] ([ʃ]?):

Grafias: <x>, <xc>, <g>, <i> → <x>, <ch>

<b>lexarẽ</b>	‘deixarem’	[10]
<b>lecxasẽ</b>	‘deixassem’	[9]

<b>agou</b>	‘achou’	[29]
<b>agarũ</b>	‘acharam’	[49]
<b>gacarũno</b>	‘chagaram-no’	[51]
<b>gacarũnos</b>	‘chagaram-nos’	[52]

<b>iagarũnos</b>	‘chagaram-nos’	[54]
------------------	----------------	------

Obs.: linhas [49-54]:

“[49] Otra uice(?) uenerũli filar ante seus filios qua[n]to qve li **agarũ** ã quele  
 [50] casal.E furũli u ueriar e prenderũ ãde o cõlazo unde mamou [o lec]  
 [51] te e **gacarũno** e getarũ in terra polo cecar e le[ua]rũ delle qua[n]to oue.  
 [52] ã alia uice ar furũ a Feracĩ e pre[n]derũ II oméés e **gacarũnos** e leuarũ  
 [53] deles qua[n]to que ouerũ. I otra fice ar pre[n]derũ otros II<sup>os</sup> a se[u] irmano *Pelagio*  
 [54] Fernãdiz e **iagarũnos**. [...]”

Constrictiva posterior sonora (?) - [ʒ] ([dʒ]?):

Grafias <g>, <i>, <gi>, <s> → <j>

<b>aguda</b>	‘ajuda’	[27]
<b>agudas</b>	‘ajudas’	[28]
<b>aiuda</b>	‘ajuda’	[29, 30]
<b>aiudas</b>	‘ajudas’	[31, 32]

Pelagio	‘Pelajo’	[53, 55]
beiso	‘beijo’	[21: “E rogou o abate tão que beiso <i>cũ illes</i> ”]

### 3. Quanto à oclusiva posterior sonora [g]

Oclusiva posterior sonora:

Grafias <g>, <c> → <g>

gacarũno	‘chagaram-no’	[51]
gacarũ	‘chagaram’	[52]
cecar	‘cegar’	[52]

(Obs.: ver no contexto, linhas [49-54] acima)

### 4.2 Quanto à representação da nasalidade - [N]

Grafias: <ã>, <ẽ>, <ĩ>, <õ>, <ũ>

<an>/<en>/<in>/<on>/<un>, <am>/<em>/<im>/<om>/<um>

- Exemplos de grafias <an>/<en>/<in>/<on>/<un>, <am>/<em>/<im>/<om>/<um> que permanecem no português moderno:

<b>seem</b>	‘sem’	[4]	
<b>tem</b>	‘tem’	[19]	
<b>quanto</b>	‘quanto’	[24]	( <i>mas</i> : <b>daquãto</b> , [3])
<b>nunqua</b>	‘nunca’	[15, ...]	( <i>mas</i> : <b>nũqua</b> [16, 17])
<b>unde</b>	‘onde’	[15, ...]	( <i>mas</i> : <b>ũde</b> [18])
<b>unnde</b>		[17]	( <i>mas</i> : <b>ũde</b> [18])
<b>man/do</b>	‘mandou’	[13/14]	( <i>mas</i> : <b>mãdoc</b> [36])

- Exemplos de grafias <an>/<en>/<in>/<on>/<un>, <am>/<em>/<im>/<om>/<um> que *nã*o permanecem no português moderno:

<b>pam</b>	‘pã	[38]	
<b>pane</b>	‘pã	[46]	
<b>irmana</b>	‘irmã	[6, 37]	( <i>lembrar</i> : <b>irmãã</b> )
<b>irmano</b>	‘irmão	[53]	
<b>Cebolano</b>	‘Cebolão	[28]	

- Exemplos de grafia <un> que ‘passa’ a <um> no português moderno:

<b>uno</b>	‘um’	[3, 18]	( <i>lembrar</i> : <b>ũũ</b> )
------------	------	---------	--------------------------------

- Exemplos de grafias <ã>, <ẽ>, <ĩ>, <õ>, <ũ> que *nã*o permanecem no português moderno:

(a) Na posição medial

<ã> → <an>

quebrãtado	‘quebrantado’	[19]	
tãto	‘tanto’	[3, 36]	
daquãto	‘de quanto’	[3]	( <i>mas</i> : quanto, [24])
mãdato	‘mandato’	[10]	
mãdoc	‘mandou’	[36]	( <i>mas</i> : man/do [13/14])

<ô> → <on>

mõtes	‘montes’	[23]
desõras	‘desonras’	[42]

<ũ> → <on>, <un>

desũro	‘desonrou’	[24]	
desũrar	‘desonrar’	[37]	
ũde	‘onde’	[18]	( <i>mas</i> : unde [15], unnde [17])
nũqua	‘nunca’	[16, 17]	( <i>mas</i> : nunca [15])

<ê>, <î> → <en>

uêcestes	‘vencestes’	[38]
ĩtregarê	‘entregarem’	[10]

(b) Na posição final

<ô># → <ão>#

prisõ	‘prisão’	[23]
quiniõ	‘quinhão’	[16]
rezõ	‘razão’	[40]
nõ	‘não’	[18]

<ũ># → <om>#

dũ	‘dom’	[11]
cũ	‘com’	[13,37, 38...]

<ã># → <ão># (?)

tã	‘tão’ (?)	[23: “e fecerũles tã máá prisõ”]
----	-----------	----------------------------------

(c) Casos especiais: grafias <ê>, <ũ> em terminações verbais

<ê># → <em>#

lexasê	‘deixassem’	[9]
uêcesê	‘vencessem’	[9]
lecxasê	‘deixassem’	[9]
lexarê	‘deixarem’	[10]
ĩtregarê	‘entregarem’	[10]
cõuê	‘convem’	[4]
devê	‘devem’	[20]

<ũ># → <am>#

forũ	‘foram’	[6]	
ouerũ	‘houveram’	[20]	
agarũ	‘acharam’	[49]	
gacarũ	‘chagaram’	[52]	
gacarũno	‘chagaram-no’	[51]	
amazaruili	‘amassaram-lhe’	[35]	
com/erũsilo	‘comeram-se-lho’	[43/44]	
furũ	‘foram’	[26]	( <i>mas</i> : furu, [26])

Obs. 1: formas –ũ/-ẽ em terminações verbais, refeitas pelo editor:

defructarũ	‘desfrutaram’	[14]
derũ	‘deram’	[18, ...]
cõnocerũ	‘conhecaram’	[7]
fecerũ	‘fizeram’	[1]
podesẽ	‘pudessem’	[3]

Obs. 2: Um caso de terminação verbal <on># → <am>#

pre[n]deronli	‘predenderam-lhe’	[22: “[...] E de pos iste <i>p/lecto</i>
pre[n]deronli <sup>11</sup>	o	seruical otro [23] ome de sa casa. [...]]”

(*nota 11*: “prenderonli: no ms., pred’r’on, o n está cortado por um traço horizontal e li está escrito na entrelinha depois de r e quase sobre on.”)

(d) Casos especiais: nomes próprios (posição medial e final)

<ã>, <õ>, <ĩ> → <an>, <on>; <im>#

Fernãdiz	‘Fernandes’	[1, ...]	
Gõcaluiz	‘Gonçalves’	[5, ...]	
Gõcauo	‘Gonçalo’	[1, ...]	( <i>mas</i> : Goncaluo [31])
Martĩ	‘Martim’	[12]	
Verracĩ	‘Varzim’	[35]	( <i>mas</i> : Ueracin [14])

## 5. Pontos essenciais de fonética histórica

### 5.1 Principais mudanças fonéticas – do latim ao português (consoantes)

#### 5.1.1 Processos no quadro das palatais e sibilantes

##### Ivo Castro (2004):

O latim depositou no galego-português, em todo território, uma distinção entre as sibilantes provenientes do s latino, consoante que era apenas surda mas que, na evolução posterior do latim falado, se desdobrou numa correspondente sonora, igualmente grafada com s, mas que corresponde ao fonema /z/ quando se encontra em posição intervocálica. Este par, de /s/ surdo e /z/ sonoro, era articulado durante o português medieval como fricativo ápico-alveolar, possivelmente pouco palatalizado. Por outro lado, no português medieval havia um par de consoantes derivadas de vários sons latinos, mas principalmente do c, pronunciado /k/. Esta consoante, quando seguida de vogal palatal [e] ou [i], transformara-se numa africada palatal [tʃ], (...), a qual despalatalizou para uma africada predorso-dental [ts], por sua vez desdobrada numa correspondente sonora [dz]. No português medieval, este par [ts]/[dz], que correspondia às grafias c e z, com a variante ç para as surdas, sofreu um desfricamento (com perda do elemento oclusivo), e foxou-se no par de fricativas predorso-dentais /s/ e /z/, fonologicamente distintas das ápico-alveolares (...). Assim, era muito fácil distinguir pela pronúncia e pela escrita as palavras servo (criado) e coser (costurar) de cervo (veado) e cozer (cozinhar). Enquanto as primeiras tinham pronúncia apical, as sibilantes de cervo e cozer eram predorsais.

##### Paul Teyssier (1997):

*As consoantes: a palatalização* — Entre as inovações fonéticas do latim imperial, algumas terão conseqüências importantíssimas. É o caso da palatalização. Nos grupos escritos *ci, ce* e *gi, ge*, as consoantes *c* e *g* pronunciavam-se em latim clássico como as iniciais das palavras portuguesas *quilha, queda eguizo, guerra*, ou seja, eram oclusivas velares. Mas em latim imperial o ponto de articulação destas consoantes aproximou-se do ponto de articulação das vogais *i* e *e* que se lhes se guiam, isto é, da zona palatal, levando à pronúncia: [kyi], [kye] e [gyi], [gye]. Esta palatalização iniciou-se já na época imperial em quase toda a România e iria ocasionar modificações importantes: [kyi], [kye] passaram a [tʃi], [tʃe] e, finalmente, a [tsi], [tse]; ex.: *civitatem* > port. *cidade, centum* > port. *cento*, reduzido a *cem*. Para os grupos *gi, ge* o resultado da palatalização será inicialmente um *yod* puro e simples [y] que desaparece em posição intervocálica; ex.: *regina* > port. *rainha, frigj dum* > port. *frio*. Mas, em posição inicial, este *yod* passa a [dʒ]; ex.: *gente* (donde o *g* representa na Idade Média [dʒ]). O *yod* inicial saído de *gi, ge* confundiu-se, pois, com o que provinha diretamente do latim clássico e que, naturalmente, também deu [dʒ]; ex.: *iulium* > port. *julho*. Em galego-português medieval os grupos *gi, ge* e *ju* eram pronunciados em todas estas palavras [dʒi], [dʒe] e [dʒu]. Em várias outras palavras um *i* ou um *e* não tônicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciados *yod* em latim imperial; ex.: *pretium, platea, bodie, video, facio, spongia, filium, seniore, teneo*. Resultaram daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly] e [ny] que se palatalizaram em [tʃy] e [dʃy], [lh] e [nh]. Para os grupos [ky], [gy], ex.: *facio, spongia*, a palatalização chega inicialmente a [tʃy] e [dʃy], mas os resultados definitivos serão complexos, pois dependerão da posição na palavra e do caráter mais ou menos popular dessa palavra. Ter-se-á, por exemplo, *pretium* > port. *preço, pretiare* > port. *prezar, platea* > port. *praça, bodie* > port. *hoje, medium* > port. *meio, video* > port. *veja, facio* > port. *faço, spongia* > port. *esponja*. Em galego-português medieval as letras *c, ç* e *j* representavam, respectivamente, em todas estas palavras, as africadas [ts], [dz] e [dʒ]. Na origem destas transformações fonéticas há sempre, em latim imperial, uma palatalização. Quando o *yod* proveniente de *i* e *e* em hiato vinha de pois de *-ss-*, esta consoante passou a [ʃ] transcrito pela letra *x*; ex.: *ruſsēum* > *roxo*. Finalmente, quando *l* ou *n* eram seguidos de um *yod*, originário de *i* e *e* em hiato, estas consoantes passaram a [lh] e [nh] palatais ou “molhados”; ex.: *filium* > port. *filho, seniore* > port. *senhor, teneo* > port. *tenho*. Como podemos verificar, estes de palatalização, iniciados já na época impe tiveram conseqüências importantes no sistema fonológico da língua. Como resultado, o galego-português medieval apresenta ria seis-fonemas novos: /ts/; /dz/; /dʒ/; /ʃ/; /lh/; /nh/.

## Palatalização – Quadro de exemplos:

<i>Latim</i>		<i>Português padrão, séc. XVI</i>									
/-s-/		> /z/		<s>							
causa		> cau/z/a		cousa							
rosa		> ro/z/a		rosa							
pausare		> pou/z/ar		pousar							
/-k-/		> /z/		<z>							
acetu		> a/z/edo		azedo							
medicina		> me/z/inha		mezinha							
luce		> lu/z/		luz							
radice		> rai/z/		raiz							
voce		> vo/z/		voz							
pace		> pa/z/		paz							
/k-/_i		> /s/		<c>							
ciuitatem		> /s/idade		cidade							
/k-/		> /tj/		> /s/		<c>					
centu		> [tj]ento		> [ts]ento		> /s/ento		cento			
cista		> [tj]esta		> [ts]esta		> /s/esta		cesta			
/-k-/		> /tj/		> /ts/		> /dz/		> /z/		<z>	
facere		> fa[tj]ere		> fa[ts]er		> fa[dz]er		> fazer		fazer	
/-kj-/		> /tj/		> /ts/		> /s/		> /s/		<c>_e/i; <ç>	
facie		> fa[tj]e		> fa[ts]e		> fa/s/e		> fa/s/e		face	
facio		> fa[tj]o		> fa[ts]o		> fa/s/o		> fa/s/o		faço	
/ti/		> /ts/		> /s/		> /s/		> /s/		<ç>	
fortia		> for[ts]a		> for/s/a		> for/s/a		> for/s/a		força	
pretium		> pre/ts/um		> pre/s/o		> pre/s/o		> pre/s/o		preço	
platea		> pra/ts/a		> pra/s/a		> pra/s/a		> pra/s/a		praça	
/t/		> /tj/		> /ts/		> /dz/		> /z/		<z>	
pretiare		> pre/tj/ar		pre/ts/ar		pre/dz/ar		pre/z/ar		prezar	
/-di-/		> /dz/		> /dž/		> /ž/		> /ž/		<j>	
hodie		> ho/dz/e		> ho/dž/e		> ho/ž/e		> ho/ž/e		hoje	
video		> v(e)/dz/o		> v(e)/dž/o		> ve/ž/o		> ve/ž/o		veja	
spongia		> (e)spon/dz/a		> (e)spon/dž/a		> espon/ž/a		> espon/ž/a		esponja	

### 1.2.1 Sobre os grupos consonantais

*Grupos iniciais pl-, cl-, e fi-* > *ch* ([tʃ]) — Estes grupos iniciais sofreram, num primeiro momento, uma palatalização do *l*, fenómeno que se produziu numa vasta zona que compreendia o galego-português, o leonês e o castelhano, e ainda um pequeno território situado entre a Catalunha e Aragão. Em castelhano, a consoante inicial caiu posteriormente, tendo restado o *l* palatal, transcrito *ll*; ex.: *plaga* > cast. *llaga*, *clave* > cast. *llave*, *flamma* > cast. *llama*. O mesmo aconteceu na parte oriental do leonês. Tod em galego-português e em leonês ocidental a evolução foi mais profunda: a consoante inicial seguida de *l* palatal deu origem à africada [tʃ], que foi transcrita em galego-português por *ch*, donde, para os três mesmos exemplos, *chaga* ([tʃaga]), *chave* ([tʃave]) e *chama* ([tʃama]). (...)

	<i>Latim</i>	<i>Galego-português</i>	<i>Castelhano</i>
	<i>plenu-</i>	<i>chêo</i>	<i>lleno</i>
Pl-	<i>planu-</i>	<i>chão</i>	<i>llano</i>
	<i>plicare</i>	<i>chegar</i>	<i>llegar</i>
Cl-	<i>clamare</i>	<i>chamar</i>	<i>llamar</i>
Fl-	<i>flagrare</i>	<i>cheirar</i>	(não atestada)



### 5.1.2. Processos no quadro das “Nasais”

(i) “Queda” de [n] intervocálico (precedida de assimilação regressiva do traço nasal?):

CORONA	> *CORÕNA	> CORÕA
SENO	> *SÊNO	> SÊO
VERANU	> *VERÃNO	> VERÃO
LANA	> *LÃNA	> LÃA
VINO	> *VÎNO	> VÎO

(ii) Mudanças posteriores

(séculos XI a XII, segundo Teyssier)

(a) > perda do traço nasal

CORONA	> *CORÕNA	> CORÕA	> COROA
luna	> *lũna	> lũa	> lua
tenere	> *têner	> têer	> ter
arena	> *arêna	> arêa	> areia
generale	> *gêneral	> gêeral	> geral
moneta	> *mõneda	> mõeda	> moeda
bona	> *bõna	> bõa	> boa

> perda do traço nasal > epêntese de /i/ (terminação latina -eno/a)

SENO	> *SÊNO	> *SÊO	> SEO	> SEIO
vena	> *vêna	> vêa	> vea	> veia

(b) > conservação do traço nasal e...

> manutenção do encontro vocálico - ditongos (terminação latina -anu, -ane, -one):

VERANO	> *VERÃNO	> VERÃO
pane	> *pãnes	> pães
mansione	> *mansiões	> mansões

> fusão com a tónica anterior:

LANA	> *LÃNA	> LÃA	> LÃ
mattiana	> *maçãna	> maçãa	> maçã
lana	> *lãna	> lãa	> lã
sonu	> *sõno	> sõo	> som
donu	> *dõno	> dõo	> dom
unu	> *ũnu	> ãu	> um
jejunu	> *jejũnu	> jejũu	> jejum
bene	> *bẽne	> bẽe	> bem

> palatalização (terminação latina -ino/a):

VINO	> *VÎNO	> VÎO	> VINHO
farina	> *farĩna	> farĩa	> farinha
molínu	> *mo(l)ĩno	> moĩo	> moinho

**N.B.:** "Fora destes casos, o -n- se explica por reconstituição (menos < meos, feno < feo, pena < pea); por influência literária (diácono < diago, cônego < cooigo); por introdução culta (fortuna, ameno, sereno, ruína)" (Coutinho, 1976.)

## 5.2 Resumo "Cronológico" das mudanças selecionadas

cf. Coutinho, Mattos & Silva, Teyssier

cf. ficha - "ciclos do português"

	<i>(latim)</i>	Hipóteses de mudanças anteriores à documentação escrita	<b>I</b> Associadas ao período de documentação escrita inicial (séc. XIII)	<b>II</b> Associadas à documentação clássica (XVI)	<i>grafias modernas</i>
[n] intervocálico latino	LANA VERANU	> *l[ã]na > *ver[ã]no	> l[ã]a > ver[ã]o	> l[ã] > ver[ã]o	<i>lã</i> <i>verão</i>
[l] intervocálico latino	DOLORE		> do[ _ ]or	> do[ _ ]r	<i>dor</i>
Palatalizações de velares e dentais latinas					
[k]_i,e > *[tj] > [tʰ] > [s]	<b>[k]</b> , CIVITATE CENTO	>*[tj], *[tj]dade, *[tj]ento	> <b>[tʰ]</b> , [tʰ]idade [tʰ]ento	> <b>[s]</b> , [s]idade [s]ento	<c>, <i>cidade</i> <i>cento</i>
[g]_i,e > *[dj] > [dʒ] > [ʒ]	<b>[g]</b> , GENTEM	>*[dj], *[dj]ente	> <b>[dʒ]</b> , [dʒ]ente	> <b>[ʒ]</b> , [ʒ]ente	<g>, <i>gente</i>
[t]_i,e > *[tj] > [tʰ] > [s] *[dj] > [dʒ] > [ʒ]	<b>[t]</b> , PRETIUM PRETIARE	>*[tj], *pre[tj]um >*[dj], *pre[dj]are	> <b>[tʰ]</b> , pre[tʰ]o > <b>[dʒ]</b> , pre[dʒ]ar	> <b>[s]</b> , pre[s]o > <b>[ʒ]</b> , pre[ʒ]ar	<ç>, <i>preço</i> <z>, <i>prezar</i>
[d]_i,e > *[dj] > [dʒ] > [ʒ]	<b>[d]</b> , HODIE	>*[dj], *ho[dj]e	> <b>[dʒ]</b> , ho[dʒ]e	> <b>[ʒ]</b> , ho[ʒ]e	<j>, <i>hoje</i>
Palatalizações de sibilantes latinas:					
[s]_y > [ʒ] [s]_e > [j]	<b>[s]</b> , BASIUM RUSSEUM		> <b>[ʒ]</b> , bei[ʒ]o > <b>[j]</b> , ro[j]o	> <b>[ʒ]</b> , bei[ʒ]o > <b>[j]</b> , ro[j]o	<j>, <i>beijo</i> <x>, <i>roxo</i>
Palatalizações de grupos consonantais latinos					
[p] > *[plj] > [ʃ] > [j] [k] > *[klj] > [ʃ] > [j] [f] > *[flj] > [ʃ] > [j]	<b>[p]</b> , PLUVIA <b>[k]</b> , CLAMARE <b>[f]</b> , FLAMMA	> * <b>[plj]</b> , *[plj]uvia > * <b>[klj]</b> , *[klj]amare > * <b>[flj]</b> , *[flj]amma	> <b>[ʃ]</b> , [ʃ]uva [ʃ]amar [ʃ]ama	> <b>[j]</b> , [j]uva [j]amar [j]ama	<ch>, <i>chuva</i> <i>chamar</i> <i>chama</i>
Rotacismo de grupos consonantais latinos					
[pl] > [pr] > [pr], [pl] [cl] > [cr] > [cr], [pl] [fl] > [fr] > [fr], [pl]	<b>[p]</b> , PLACERE <b>[k]</b> , CLAVU <b>[f]</b> , FLACCU  <i>mas</i> <b>[p]</b> , SIMPLICE <b>[k]</b> , CLEMENTIA <b>[f]</b> , FLOCCU		> <b>[pr]</b> , [pr]azer > <b>[cr]</b> , [cr]avo > <b>[fr]</b> , [fr]aco  <i>mas</i> > sim[pr]iz > [cr]emencia > [fr]oco	[pr]azer [cr]avo [fr]aco  <i>mas</i> > sim[pl]is > [cl]emencia > [fl]oco	<pr>, <i>prazer</i> <cr>, <i>cravo</i> <fr>, <i>fraco</i>  <pl>, <i>simples</i> <cl>, <i>clemência</i> <fl>, <i>floco</i>

### cf. ANEXOS

Anexo 1: Apontamentos de fonética histórica

Anexo 2: “Notícia de Torto” - edição

Anexo 3: “Notícia de Torto” – comentário linguístico